

A CONTRIBUIÇÃO DA PRÁTICA ORQUESTRAL NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO CENTRO SOCIAL E CULTURAL VICENTE PALLOTTI

André da Silva Chiomento*

Resumo: Este artigo apresenta as conclusões de uma pesquisa realizada com alunos da Orquestra Infanto-Juvenil São Vicente Pallotti, objetivando relatar e analisar o desenvolvimento musical e social dos alunos do Centro Social e Cultural Vicente Pallotti, proporcionado pela prática orquestral. Considerando ainda a importância de projetos sociais para o desenvolvimento da educação musical e integração social do seu público-alvo em nosso país. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa e a coleta de dados foi feita através da aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas aos alunos da Orquestra.

Palavras-chave: Educação Musical. Desenvolvimento Musical e Social. Formação Humana.

Introdução

O Centro Social e Cultural Vicente Pallotti – CSCVP é um projeto social que atende a mais de 300 crianças e adolescentes de 06 a 17 anos, do município de Santa Maria. O projeto iniciou suas atividades em 2010 e objetiva fortalecer a convivência familiar e comunitária, contribuir para a permanência e/ou o retorno da criança e do adolescente na escola, estimular o desenvolvimento e o convívio social, e ainda promover o atendimento e acompanhamento das famílias, para resgatar vínculos e estimular a participação familiar na vida dos alunos. Para contribuir no desenvolvimento do caráter social e intelectual, estimulando a participação cidadã e o desenvolvimento pleno das crianças e adolescentes o Centro Social oferece oficinas de música com os seguintes instrumentos: violino, viola, violoncelo, flauta, clarinete, saxofone, trompete, trombone, violão, guitarra, contrabaixo, teclado e percussão. Além das

* Acadêmico do Curso de Música – Bacharelado em Trombone da Universidade Federal de Santa Maria, Professor de Trombone, Trompete e Regente da Orquestra Infanto-Juvenil São Vicente Pallotti, no Centro Social e Cultural Vicente Pallotti. Email: andrechiomento@gmail.com

oficinas de musicalização infantil, canto coral e teatro, os alunos participam também do apoio pedagógico e atividade lúdica complementar, e tem acompanhamento psicológico.

As aulas de instrumento no CSCVP são coletivas e ocorrem de segunda-feira à quinta-feira e os alunos vêm ao projeto no mínimo duas vezes por semana, no contra turno escolar. O turno que os alunos estão no projeto é dividido em dois períodos, em um período o aluno está na aula de instrumento e em outro no apoio pedagógico. Grande maioria dos alunos não têm instrumentos em casa para praticar e têm contato com os instrumentos apenas nas aulas que duram uma hora e quinze minutos, e nos ensaios da Orquestra que são nos sábados pela manhã.

Sobre o ensino coletivo de instrumentos musicais Cruvinel (2009, p. 254) considera que:

Por meio do Ensino Coletivo de Instrumento Musical – ECIM, o aluno é convidado a construir seu conhecimento musical, tornando-se sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem. O professor desempenha o papel de mediador, provocando situações de aprendizagem. Acredita-se que o ECIM, a partir da condução do professor, pode configurar-se como metodologia integradora propiciando que o aluno seja um articulador dentro da sua comunidade, reforçando seu protagonismo na formulação de novas soluções para problemáticas individuais e/ou coletivas e no desenvolvimento de novas atitudes e habilidades. Nesse sentido, o ECIM possibilita o desenvolvimento cognitivo musical e o desenvolvimento social do aluno, transformando-o como indivíduo e este, intervindo no seu meio poderá transformá-lo e conseqüentemente, a sociedade (CRUVINEL, 2009, p. 254).

Para ingressar na Orquestra Infanto-Juvenil os alunos passam pela Orquestra Preparatória que proporciona aos alunos um aperfeiçoamento técnico instrumental e artístico, necessário para integrar a Orquestra. O enfoque de educação musical da Orquestra Preparatória, direciona-se a uma intensiva prática de conjunto desde cedo e ao compromisso de manter sempre presente a alegria e a diversão advindas da aprendizagem e da criação musical.

Um dos pré-requisitos para ingresso na Orquestra Infanto-Juvenil é que os alunos demonstrem responsabilidade e compromisso com seus estudos e com o desenvolvimento da Orquestra. Atualmente integram a Orquestra Infanto-Juvenil 42 alunos, e na Orquestra Preparatória temos 45 alunos.

O espaço social de um grupo musical promove a integração entre os jovens, a afetividade, as amizades e o crescimento pessoal, constituindo fator determinante para que os pais e a comunidade tenham interesse e o valorizem como um ambiente saudável, capaz de manter os jovens longe da violência urbana (CAMPOS, 2009).

Em todo o mundo, crescem em número e importância as iniciativas de integração social por meio de instrumentos de orquestra para crianças e jovens (VIVAMÚSICA! 2012). De acordo com Grubisic (2012) nas atividades que envolvem música as relações sociais são um fator importante para a inserção da criança na cultura e na educação musical. Esse processo se dá tanto na apreciação da música como na atividade de tocar num grupo musical.

Há pouca informação disponível sobre o funcionamento dos projetos e não existem, ainda, ambientes em que as experiências possam ser conhecidas e trocadas, relata o anuário VIVAMÚSICA! (2012).

Considera-se também importante relatar e discutir as experiências de educação musical em um projeto social, sabendo das possíveis dificuldades que este tipo de contexto pode apresentar. Este trabalho pretende apontar possibilidades para a educação musical desenvolvida em projetos sociais, contribuindo para a ampliação das discussões sobre a importância e a possibilidade da música em diversos contextos educacionais, proporcionando assim uma educação em sentido mais ampla e humanizadora.

1 A prática orquestral no contexto do projeto social

A Orquestra Infanto-Juvenil São Vicente Pallotti teve o início dos ensaios em abril de 2012, porém começou a ser projetada em novembro de 2011, com o objetivo de proporcionar aos alunos um aperfeiçoamento técnico instrumental e artístico, trabalhando um repertório de acordo com o nível do grupo e estudos técnicos coletivos, que buscam desenvolver uma identidade sonora para a orquestra, como consideram Jolly e Jolly (2009, *apud*, GRUBISIC, 2012, p. 494) “O grupo instrumental constrói na sua trajetória de aprendizagem musical, uma identidade específica como grupo (...)”. A Orquestra objetiva também desenvolver e reforçar conceitos necessários para integrar um grupo musical, como por exemplo, estimular a autonomia, disciplina, cooperação, trabalho em grupo, fraternidade, respeito, esforço, compreensão entre os colegas, criar um senso de comunidade através do trabalho em grupo, pois a convivência em um grupo musical é uma prática social que promove importantes situações de aprendizagem ao longo do processo educativo, afirmam Jolly e Jolly (2009, *apud*, GRUBISIC, 2012). Por fim o desenvolvimento de habilidades intelectuais e a colaboração com o desenvolvimento cultural da comunidade onde está inserida completam os objetivos da Orquestra.

Sobre a prática da educação musical em grupos como bandas de música e orquestras, alguns autores já trazem importantes resultados em suas pesquisas como Grubisic (2012) que considera que “Aprender música dentro de um grupo (a orquestra) não é apenas se apropriar das técnicas do instrumento e dominar a arte musical. Conviver e tocar em grupo é realizar trocas constantemente com o outro daquilo que se está aprendendo num contexto educacional e social. (GRUBISIC, 2012, p. 494). Nesse sentido Lima (2005, *apud* Campos, 2009, p. 507) relata sobre sua experiência em uma banda de música.

A banda de música é, para a minha vida, um grupo de referência; uma experiência da qual até hoje retiro ensinamentos e lições de vida. Nela convivi boa parte da minha adolescência e juventude. Passava constantemente, mais tempo na sede da banda do que no convívio de minha casa. A banda era a outra família, uma segunda família. Ali aprendi a respeitar regras; a compartilhar problemas e soluções; a construir novas aspirações, opiniões, atitudes, ou seja, adquiri outra visão do mundo (LIMA, 2005, *apud*, CAMPOS, 2009, p. 507).

Esta afirmação enfatiza o quanto os grupos musicais, como bandas de música e orquestras, quando bem gerenciadas, propiciam uma eficaz iniciação das crianças e jovens no estudo da música, educam, desenvolvem a disciplina, o trabalho em equipe, e também oportunizam o acesso a iniciação musical. Os projetos sociais tem proporcionado em grande parte esta oportunidade aos menos favorecidos de escolhas, estas iniciativas de integração social por meio do ensino de instrumentos de orquestra crescem em número e importância em todo o mundo e já se tornaram uma instituição de valor reconhecido pela sociedade brasileira e de grande presença na mídia, relata o Anuário VivaMúsica! 2012.

A prática musical, na forma de orquestra, é um meio de tornar a aprendizagem musical uma atividade social, Grubisic (2012) acredita que cada estudante ao tocar a sua parte da música percebe sua importância na orquestra como integrante de um todo que realiza algo maior, com isso entende seu papel social dentro do grupo musical. Nas apresentações musicais, os estudantes se sentem valorizados pelos espectadores e sua prática musical ganha um novo sentido, e essa atividade possibilita trocas entre a orquestra e o público num contexto educacional, artístico e social, relata a autora. Grubisic (2012) ainda complementa dizendo que:

Este ambiente leva a práticas com diferentes sujeitos, valorizando assim a sua singularidade dentro da harmonia do grupo. A orquestra gera uma grande influência na formação da identidade das crianças e jovens que participam. Além disso, vai construindo uma identidade de grupo com objetivos comuns, onde cada integrante tem sua importância (GRUBISIC, 2012, p. 497).

Sobre a interação social e o aprendizado em grupo podem-se destacar inúmeras vantagens dentre elas Cruvinel (2005, *apud*, BRAGA e DANTAS, 2009, p. 587) aborda “a interação entre os alunos, o despertar da socialização, a cooperação, a motivação, o rendimento e o ambiente lúdico provocado por esta interação, ente outros aspectos.” Como se podem perceber na maioria das vezes as vantagens estão relacionadas com as relações interpessoais proporcionadas através da aprendizagem musical em grupo. Braga e Dantas (2009) explicam esse processo da seguinte maneira:

O ambiente formado a partir de uma turma que aprende um instrumento musical em conjunto representa um grupo social, onde cada membro possui uma atribuição ou um papel definido, assim como em sociedade. A experiência adquirida em grupo pode representar uma grande aquisição no desenvolvimento social do aluno, onde os indivíduos aprendem a respeitar suas próprias limitações e as dos outros. As experiências vivenciadas em grupo contribuem de maneira significativa para o desenvolvimento das relações interpessoais, fato que pode ser refletido em diversos setores da vida do indivíduo como escola, trabalho, família e nos demais onde o indivíduo possa se relacionar em sociedade (BRAGA e DANTAS, 2009, p. 588).

Um estudo em educação musical que olhe para o aprender/ensinar música sob essa perspectiva pode contribuir ainda para a compreensão do contexto social da produção do conhecimento musical em música, um conhecimento que não se dá em um vazio, mas é permeado de práticas individuais e coletivas relata Gonçalves (2007, *apud* SILVA, 2011). Moraes (1997, *apud*, BRAGA e DANTAS, 2009, p. 587) defini o ensino instrumental em grupo como “uma proposta que tem como principal produto do aprendizado o desenvolvimento das atitudes dos alunos, relacionadas tanto ao aspecto musical quanto ao social.”

Abordando o desenvolvimento das relações interpessoais Ortis, Cruvinel e Leão (2004, *apud*, BRAGA e DANTAS, 2009, p. 588) afirmam que “fazendo parte de um grupo, o indivíduo passa a questionar e perceber sua função no mesmo, bem como a conscientizar-se da função do outro, respeitando o espaço, potencialidades e dificuldades próprias e de cada pessoa participante do grupo”.

King (2004, *apud*, SILVA, 2011, p. 1742) afirma que “a colaboração define uma cultura do fazer musical, onde os *co-performers* têm necessariamente que interagir tanto musicalmente quanto socialmente”. Segundo essa autora, a colaboração “permite aos músicos a oportunidade de cultivar idéias musicais, além de desenvolver relações interpessoais”

Goulart (2007, *apud*, BRAGA e DANTAS, 2009, p. 589), baseada na abordagem piagetiana, a respeito do desenvolvimento social, “afirma que a interação com outras pessoas tem importante papel no desenvolvimento das operações lógicas e desta forma a cooperação é capaz de fazer com que um sujeito evolua de uma perspectiva subjetivista para a objetividade.”

Sobre os processos de ensino e aprendizagem em ensaios é necessário compreender a estrutura e organização do ensaio, as práticas pedagógico-musicais, os aspectos individuais e coletivos envolvidos no ensinar/aprender no ensaio da orquestra, relata Silva (2011). Essa autora considera que “o ensaio da orquestra é um lugar onde várias pessoas constroem um conhecimento musical associado à preparação de um repertório musical. Contudo, cada uma dessas pessoas traz consigo conhecimentos, maneiras de fazer e enxergar a música. (SILVA, 2011, p. 1740). Nesse contexto da aprendizagem musical em grupo “a atitude psicológica do professor é um dos fatores determinantes da motivação do aluno, uma vez que a postura crítica e auto-reflexiva do professor em relação ao aluno contribui para melhores resultados na motivação e no processo de aprendizagem” relata Silva (2009, p. 266).

Na experiência da orquestra, a música como forma de expressão pode ser um meio de diálogo entre os alunos que tocam lado a lado, que se organizam em pequenos grupos, que reinventam as características de cada naipe de instrumentos e encontram formas expressivas de aproximação e comunicação. Consciente de si, de seu papel e de sua responsabilidade dentro do grupo, os alunos trabalham em conjunto nos diversos fazeres da rotina da orquestra, criando e fortalecendo laços de amizade. Essas relações afetivas ultrapassam os contornos da orquestra.

2 Análise dos dados

Alunos e professores têm perspectivas diferentes sobre as atividades realizadas na orquestra. Muitas vezes, o que o professor considera melhor para seus alunos não é exatamente o que os alunos gostariam de realizar. Para compreender melhor os processos de ensino/aprendizagem, desenvolvimento musical e social, considerei importante conhecer a opinião dos alunos sobre as atividades da orquestra, pois suas opiniões mostram outras perspectivas das práticas pedagógicas. Através de um questionário aplicado a 18 alunos que estão na Orquestra Infanto-Juvenil desde sua criação, foram analisadas questões inerentes ao

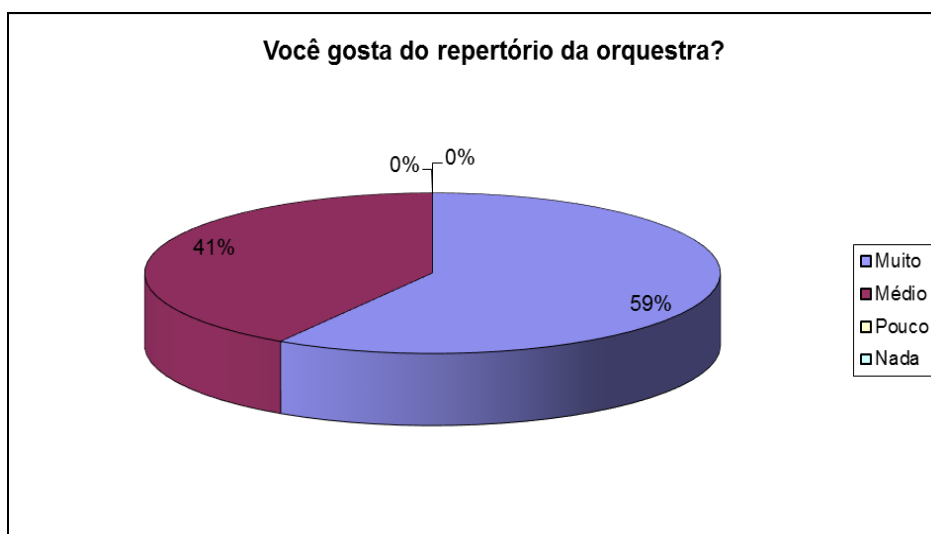
desenvolvimento musical e social e qual a percepção desses alunos sobre a sua participação nas atividades da Orquestra Infanto-Juvenil São Vicente Pallotti.

Uma primeira dimensão a ser analisada refere-se ao repertório da orquestra. Essa é uma questão que influencia diretamente o ensino de música e a realização musical. Almeida e Matos (2010) Consideram que

O repertório pode ser uma importante ferramenta na afirmação da aprendizagem musical. Para tanto, o regente pode realizar um planejamento de repertório, considerando a aprendizagem dos músicos, estabelecendo objetivos pedagógicos para cada peça escolhida, ampliando, assim, a funcionalidade destas peças para fins de formação musical, enfatizando o sentido e significado destas músicas para os integrantes, uma vez que tal seleção pode trazer, de forma inerente, aspectos que favoreçam o desenvolvimento técnico (ALMEIDA e MATOS, 2010, p. 1319).

Dessa forma, o questionário visou conhecer a opinião dos alunos sobre o repertório da orquestra, mostrado no Gráfico 1.

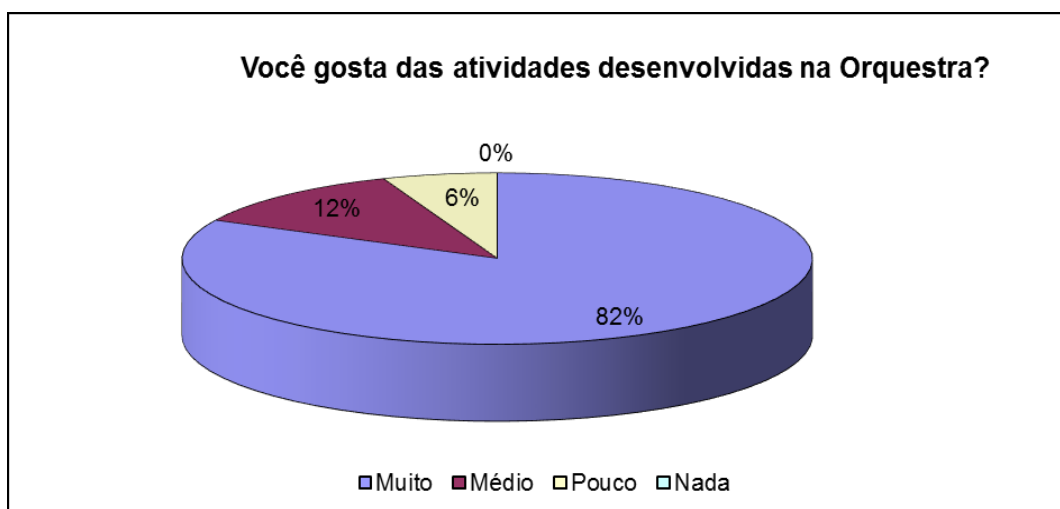
Gráfico 1 – Aceitação dos alunos em relação ao repertório



Analisando o gráfico podemos perceber que a maioria dos alunos está satisfeita com o repertório da orquestra, de acordo com as justificativas dos alunos que responderam que gostam “Muito” do repertório estão respostas como *“é um repertório de qualidade”, “tem muitas coisas que temos que aprender na música (orquestra)”, “é interessante”, “eu gosto das músicas, são bonitas”*. Entre os alunos que responderam que gostam “Médio” do repertório a maioria das justificativas são referentes ao grau de dificuldade encontrado pelo aluno, *“porque as vezes é difícil”, “porque as vezes não entendo”, “porque algumas músicas*

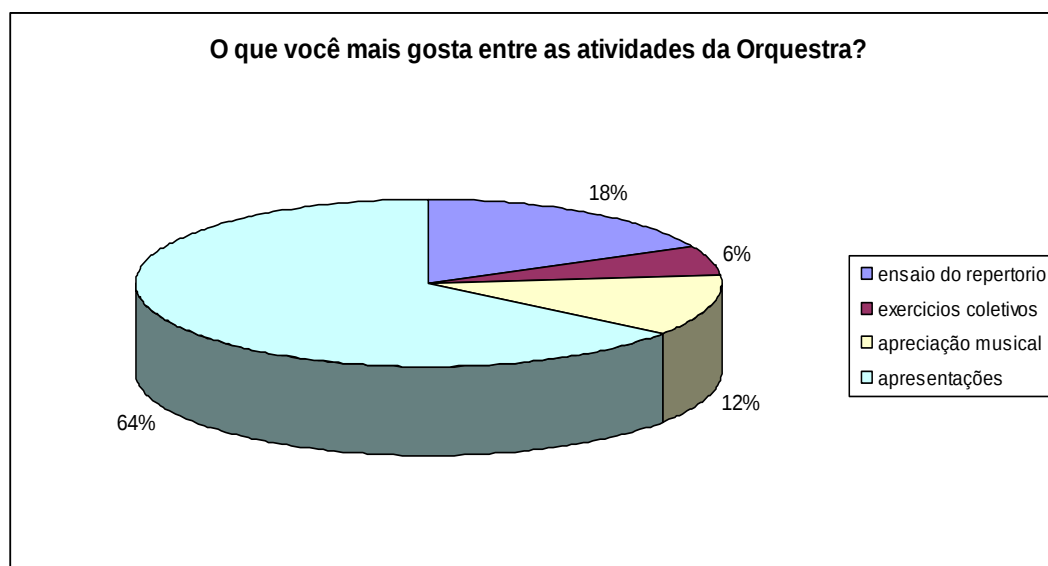
são meio macabras pra mim”, e também por não ser o estilo de música de suas preferências “*não é o tipo de música que eu escuto*”. Sobre as escolhas musicais que devem compor o repertório do grupo Tourinho e Oliveira (2003) *apud* Almeida e Matos (2010, p. 1319) ressaltam que o repertório deve ser fonte de aprendizagem, nem tão fácil que não ofereça um desafio nem tão difícil que seja tocado no limite da compreensão e da fluência. Da mesma forma deve oferecer a possibilidade de explorar fraseado, dinâmica, textura, possibilitando ao aluno o crescimento técnico e musical. Percebe-se também a satisfação dos alunos quanto as demais atividades desenvolvidas nos ensaios além do estudo de repertório, como execução de exercícios técnicos coletivos, apreciação musical e as apresentações. Como apresenta o Gráfico 2.

Gráfico 2 – Satisfação dos alunos quanto as demais atividades desenvolvidas nos ensaios



Ainda questionados sobre qual atividade eles mais gostam na Orquestra as respostas foram.

Gráfico 3 – Atividade que mais gostam na Orquestra



Constatamos que a atividade predileta dos alunos são as apresentações e justificaram a escolha pelo fato de sair do Centro Social e Cultural, conhecer lugares novos, por gostarem de se apresentar, divulgar a Orquestra e o Centro Social e Cultural, e também como relatam os próprios alunos *“porque a gente vê o desempenho de todos e como valeu a pena ensaiar”*, *“porque cada apresentação serve de experiência para mim”*, *“quando me apresento sinto uma sensação legal”*. A atividade que recebeu menos votos nessa questão foi a execução dos exercícios técnicos coletivos que buscam desenvolver além da leitura de partitura, conceitos necessários à prática orquestral, sobre a justificativa que são cansativos e chatos. Porém mesmo considerando que os exercícios técnicos são cansativos e chatos, 76% dos alunos responderam que a execução dos exercícios lhe ajudou *“Muito”* na prática de tocar em conjunto, e 24% responderam que o apoio dos exercícios foi *“Médio”*, as opções *“Pouco”* e *“Nada”* não obtiveram nenhum voto.

Sobre as melhorias na forma de tocar o instrumento depois de participar da orquestra, 76% dos alunos responderam que a participação na orquestra contribuiu *“Muito”* para seu desempenho instrumental e 24% consideram que a participação na orquestra contribuiu em um nível *“Médio”*, as opções *“Pouco”* e *“Nada”* não obtiveram nenhum voto.

Para melhor poder atribuir esses índices de desenvolvimento à Orquestra Infanto-Juvenil São Vicente Pallotti, foi averiguado no questionário que 98% dos alunos não participam de nenhuma atividade musical fora do Centro Social e Cultural, sendo assim o projeto é a única oportunidade que esses alunos têm de acesso a Educação Musical.

Sobre as relações interpessoais buscamos comparar como era a relação pessoal entre os alunos antes e depois da participação na Orquestra. De acordo com King (*apud* SILVA, 2011, p. 1742) os músicos têm necessariamente que interagir tanto musicalmente quanto socialmente. Segundo essa autora, a colaboração “permite aos músicos a oportunidade de cultivar idéias musicais, além de desenvolver relações interpessoais” O resultado foi surpreendente, como pode ser avaliado entre os dois gráficos seguintes.

Gráfico 4 – Relações interpessoais antes de participar na Orquestra

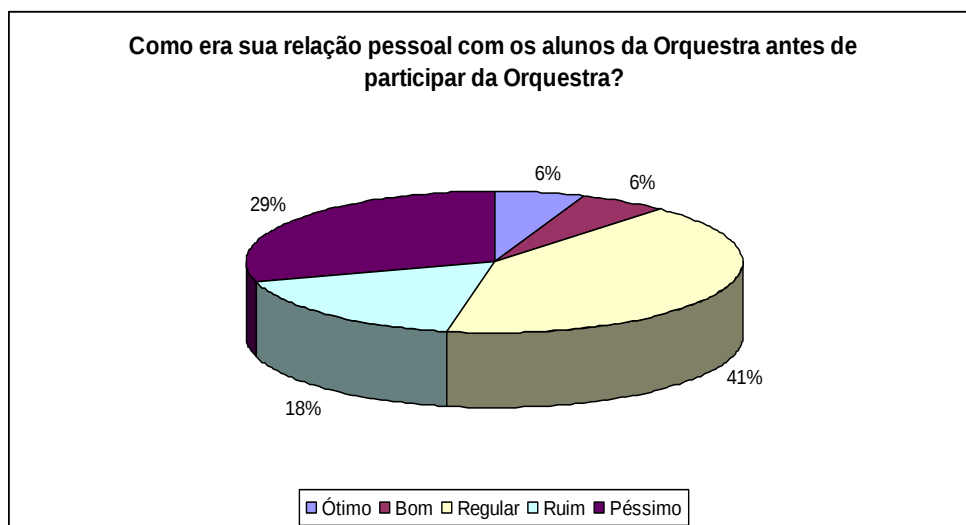
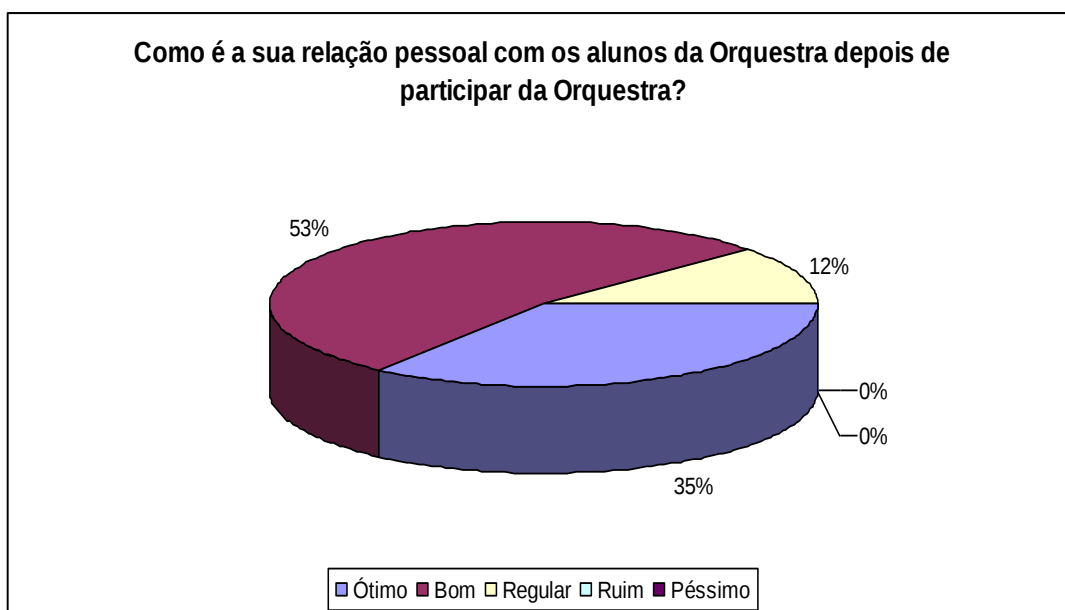


Gráfico 5 – Relações interpessoais após participar na Orquestra



Podemos constatar que antes da Orquestra os níveis “Ruim” e “Péssimo”, juntos representam 47% dos alunos, índice esse que foi zerado depois da participação dos alunos na

Orquestra, ainda pode se destacar que antes da Orquestra os níveis “Ótimo” e “Bom” representam juntos apenas 12% do total de alunos e depois da Orquestra representam 88% dos alunos.

Questionando os alunos sobre qual o interesse deles em participar da Orquestra obtivemos varias respostas, muitas em sentido a tocar melhor e saber mais sobre o seu instrumento, adquirir experiência e por considerarem que a Orquestra pode ser um primeiro passo a carreira musical ou simplesmente por que gostam de tocar.

Para finalizar o questionário buscamos saber se a Orquestra trouxe mudanças para suas vidas e qual era a opinião dos pais sobre a participação do filho na Orquestra. Eles relatam que perceberam mudanças na responsabilidade com o estudo, pois antes *“não gostava de estudar as partituras”*, ou *“porque a gente sabe que pra continuar na orquestra tem que passar nas provas, assim me empenhei mais nos estudos na escola”*, *“antes eu andava todo dia na rua agora eu chego do colégio e vou tocar, meus pais acham ótimo”* e *“porque eu desenvolvi mais no aprendizado”*. Outros alunos relataram que a prática orquestral ampliou o conceito que tinham sobre música e os fez perceber que realmente querem seguir uma carreira musical. E há também narrações de como a Orquestra auxiliou nas relações pessoais *“eu aprendi a respeitar os professores e a dar valor para eles”*, *“eu melhorei no convívio com as pessoas”*.

Considerações finais

A Orquestra Infanto-Juvenil São Vicente Pallotti apresenta uma proposta que tem como principal produto do aprendizado o desenvolvimento das atitudes dos alunos, relacionadas tanto ao aspecto musical quanto ao humano. Através da análise dos dados obtidos no questionário pode-se perceber o desenvolvimento nas relações interpessoais, melhorias na concentração e consequentemente no aprendizado escolar, a inspiração proporcionada pela Orquestra para que os alunos estipulem metas e conquistem objetivos no que diz respeito a uma carreira profissional.

Devemos atribuir, necessariamente, uma importância suprema à parte da educação que incentiva o senso do ritmo e da harmonia – ou seja, a educação musical, “pois o ritmo e a harmonia penetram profundamente nos recessos da alma, apossando-se firmemente dela, trazendo a graça consigo e tornando o homem gracioso se ele for corretamente educado, mas, se não for, o contrario ocorrerá” de acordo com Platão (*apud* READ, Herbert, 2013, p. 67).

Mesmo quando se trata de raciocinar, acrescenta Platão, o método estético terá sido o melhor, pois terá dado ao homem aquele “instinto de relacionamento” que é a chave da verdade.

Referências

ALMEIDA, José Robson Maia de; MATOS, Elvis de Azevedo. Na banda aprendi...: Uma reflexão sobre as aprendizagens provenientes do repertório das bandas de música. In: Congresso da Associação Brasileira de Educação Musical, 19., 2010, Goiânia. **Anais...** Goiânia: ABEM, 2010. p. 1317 - 1325.

BRAGA, Simone; e DANTAS, Tais. Desenvolvimento social e ensino coletivo de instrumentos musicais: relato de experiência de pesquisa concluída. In: Simpósio de Cognição e Artes Musicais - Internacional, 5, 2009, Goiânia. **Anais...** Goiânia: SIMCAM, 2009. p. 586 – 596.

CAMPOS, Nilceia da S. Protásio. Aprendizados e experiências por meio da banda de música na escola. In: Simpósio de Cognição e Artes Musicais - Internacional, 5, 2009, Goiânia. **Anais...** Goiânia: SIMCAM, 2009. p. 507 – 518.

COSTA, Marco Antonio F. da; e COSTA, Maria de Fátima Barrozo da. **Metodologia da pesquisa: conceitos e técnicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2009.

CRUVINEL, Flavia Maria. As contribuições do ensino coletivo de instrumento musical no desenvolvimento cognitivo musical e social. In: Simpósio de Cognição e Artes Musicais - Internacional, 5, 2009, Goiânia. **Anais...** Goiânia: SIMCAM, 2009. p. 244 – 255.

GRUBISIC, Katarina. Projeto Orquestra Escola: aprendizagem e desenvolvimento num projeto social. In: Simpósio de Cognição e Artes Musicais - Internacional, 8, 2012, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: SIMCAM, 2012. p. 493-499.

READ, Herbert Edward. **Educação pela arte**. Tradução Valter Lellis Siqueira. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Fontes, 2013.

SILVA, Ruth de Sousa Ferreira. O ensino/aprendizagem musical no ensaio de orquestra: um estudo de caso na *Orquestra Camargo Guarnieri*. In: Congresso da Associação Brasileira de Educação Musical, 20., 2011, Vitória. **Anais...** Vitória: ABEM, 2011. p. 1738 - 1747.

SILVA, Tais Dantas da. A motivação no processo de aprendizagem musical em grupo: o ponto de vista da psicologia da educação. In: Simpósio de Cognição e Artes Musicais - Internacional, 5, 2009, Goiânia. **Anais...** Goiânia: SIMCAM, 2009. p. 266 – 276.

VIVAMÚSICA! **Anuário**. Direção Editorial Heloisa Fischer, Rio de Janeiro, 2012